

## ANA E A MARGEM DO RIO: UMA ÍNDIA NAUÁ EM BUSCA DE SI MESMA

ANA AND THE RIVER'S MARGIN: A NAUÁ INDIA IN SEARCH OF HERSELF

ANA Y LA ORILLA DEL RÍO: UNA NAUÁ INDIA EN BUSCA DE SÍ MISMA

Vera Lúcia Lopes Dias<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse artigo buscou discutir a experiência com o outro – essa é a ideia central na obra “Ana e a Margem do Rio”, de Godofredo de Oliveira Neto. A leitura desse encantador romance captura desde a primeira página nossa atenção e pode ser considerado um tratado prático de Teoria Literária. O presente trabalho, através de sua leitura prazerosa, objetiva o contato com o processo de construção identitária de uma índia Nauá. Mas acima de tudo, é analisado como um exemplo de experiência entre as diferenças, entre realidades culturais que se mesclam. Nos apresenta uma narradora que, ao tentar escrever as memórias das lendas contadas por sua mãe, compreende os processos imbricados na violência contra os povos indígenas, tecendo uma narrativa entre o diário e a fábula. O escritor nos traz uma índia de 17 anos, representante do povo Nauá que na tentativa de escrever as memórias das lendas contadas por sua mãe, acaba por nos fazer compreender a violência impetrada contra os povos indígenas e com isso despertando no leitor a consciência e necessidade de preservá-los.

179

**Palavras-chave:** Memória. Teoria. Identidade.

**ABSTRACT:** This article sought to discuss the experience with the other - this is the central idea in the work "Ana e a Margem do Rio", by Godofredo de Oliveira Neto. The reading of this charming novel captures from the first page our attention and can be considered a practical treatise of Literary Theory. The present work, through its pleasurable reading, aims at contact with the process of identity construction of an Indian Nauá. But above all, it is analyzed as an example of experience between the differences, between cultural realities that merge. It presents a narrator who, in trying to write the memoirs of the legends told by her mother, understands the processes interwoven in violence against indigenous peoples, weaving a narrative between the daily and the fable. The writer brings us a 17-year-old Indian, representative of the Nauá people who in an attempt to write the memoirs of legends told by their mother, ends up making us understand the violence against indigenous peoples and thus awakening in the reader the conscience and need to preserve them.

**Keywords:** Memory. Theory. Identity.

<sup>1</sup> Mestrado em Educação na linha de Pesquisa em Educação Especial pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Mestrado em Educação na Linha de Pesquisa Novas Tecnologias pela UNESA. É graduada em Engenharia-Química pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Letras (Português - francês) e Pedagogia (UERJ) e Análise de Sistemas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Pós-Graduada em Redes de Computadores pela UNESA. Graduada em Pedagogia pela UERJ (e Letras pela UERJ. Possui Pós-Graduação em Educação Especial pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). E-mail: veraluciadias1674@gmail.com.

**RESUMEN:** Ese artículo buscó discutir la experiencia con el otro - esa es la idea central en la obra "Ana y la Margen del Río", de Godofredo de Oliveira Neto. La lectura de esta encantadora novela captura desde la primera página nuestra atención y puede ser considerado un tratado práctico de Teoría Literaria. El presente trabajo, a través de su lectura placentera, objetiva el contacto con el proceso de construcción identitaria de una india Nauá. Pero, sobre todo, es analizado como un ejemplo de experiencia entre las diferencias, entre realidades culturales que se mezclan. Nos presenta una narradora que, al intentar escribir las memorias de las leyendas contadas por su madre, comprende los procesos imbricados en la violencia contra los pueblos indígenas, tejiendo una narrativa entre el diario y la fábula. El escritor nos trae una india de 17 años, representante del pueblo Nauá que en el intento de escribir las memorias de las leyendas contadas por su madre, acaba por hacernos comprender la violencia impetrada contra los pueblos indígenas y con ello despertando en el lector la conciencia y necesidad de preservarlos.

**Palabras clave:** Memoria. Teoría. Identidad.

## INTRODUÇÃO

Nos meus tempos de professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no primeiro semestre do Curso de Letras, da Universidade Estácio de Sá (UNESA), no período de 2000 a 2013, minha preocupação com a produção de texto em sala de aula sempre foi muito grande. Meus colegas professores e eu, muitas vezes, discutimos nas nossas reuniões várias formas de se trabalhar a produção escrita, utilizando estratégias que levassem nossos alunos a produzirem textos de todos os tipos.

Para alcançar nosso objetivo, teríamos de envolvê-los na leitura de obras que os conduzissem a questionar sua própria identidade, o seu passado e os incentivassem a produzir sua escrita com base em parâmetros e informações extraídas de sua própria realidade. Dessa forma, eles se sentiriam estimulados a construírem um texto que contribuísse para fornecer a todos um enriquecimento cultural, bem como despertá-los para um universo mágico, onde o aprender fosse prazeroso, visto que a leitura de uma determinada obra despertaria toda a “imaginação poética” na construção de personagens, lugares e fantasias com seus signos próprios. De modo que a percepção dos mesmos e seus significados geraria prazer e diversão no ato simples e eficaz de produzir e ler textos.

Depois de analisar diversas obras, escolhemos por fim o romance “Ana e a Margem do Rio”, do escritor Godofredo de Oliveira Neto. Desde o primeiro momento nos entusiasmos com a narrativa da personagem Ana, por considerá-la bem identificada com o noticiário veiculado na mídia televisiva. Na época onde havia várias notícias sobre a tragédia do índio Galdino que completava quinze anos e o crescente aumento do desmatamento na Amazônia.

## LENDA E CULTURA

A respeito de sua protagonista, trata-se de uma moça de 17 anos, da tribo Nauá, órfã e integrante de um grupo de jovens que são educados pelos programas governamentais destinados às comunidades indígenas. E a narrativa se desenrola tendo como ponto de partida a chegada de uma professora estrangeira, que lhes solicitará como exercício da sua disciplina a história das escritas contadas por seus povos, Ana e seus companheiros de uma turma se veem diante de um impasse. A tarefa escolar encontra dificuldades de representação, uma vez que, segundo uma das personagens, “Não tem jeito, índio só pode mesmo escrever histórias de bichos e falar sobre a floresta, só sabe isso” (OLIVEIRA NETO, 2002, p.13). No entanto, Ana resolve encarar o desafio e começa a escrever a história das lendas contadas para ela por sua mãe na sua infância.

Eu e meus colegas professores tínhamos consciência que a leitura não possuía o poder de mudar as coisas, num simples estalar de dedos, nem mesmo de rever situações de pobreza e/ou ignorância já muito enraizadas e menos ainda de acabar com a crise social de nosso país. No entanto, ela poderia auxiliar a procura de novas e quem sabe velhas soluções para os inúmeros problemas que nos assolavam, pois como docentes acreditávamos que tão somente através da educação, nossos alunos poderiam almejar galgar degraus mais altos, e os primeiros degraus passam pelo simples ato deles entenderem o que se escreve.

Um outro fator que contribuiu para a seleção do livro foram as fascinantes ilustrações de autoria de Roger Mello<sup>2</sup>, uma delas apresentada na **Figura (1)** apresentando os personagens envolvidos numa lenda narrada pela mãe de Ana, no capítulo dezoito. Tínhamos a convicção que essas ilustrações despertariam a curiosidade dos nossos alunos pela cultura indígena, devido aos padrões apresentados que lembravam as pinturas corporais, utilizadas por algumas tribos e, naquela época, estava na moda entre os universitários criarem tatuagens temporárias de heena em partes do corpo. E, com efeito, alguns alunos ao final da apresentação de seus artigos desenvolvidos, com base na leitura do livro, reproduziram algumas dessas ilustrações nas mãos e nos braços por considerarem-nas muito criativas (**Figura 2**)

---

<sup>2</sup> Vide outros magníficos trabalhos do ilustrador e também escritor Roger Mello, em vencedor do Prêmio Internacional Hans Christian Andersen 2014, na Categoria Ilustrador. Esse prêmio é concedido pelo *International Board on Books for Young People* (IBBY), considerado o Prêmio Nobel da Literatura Infantil e Juvenil. A patrona do Prêmio é a Rainha Margrethe II da Dinamarca. Link: <https://br.pinterest.com/pin/47850814769204266/>



**Figura 1-** Ilustração da página 136 do livro “Ana e a Margem do Rio” construída pelo premiado ilustrador e escritor Roger Mello.



(2013).

**Figura 2-** Tatuagem temporária de henna feita nos antebraços por um aluno da turma do primeiro período do curso de Letras inspirada numa das ilustrações de Roger Mello presente no livro Ana e a Margem do Rio

Com o decorrer das aulas, à medida que se discutiu com os alunos cada capítulo do livro, observou-se que o que mais os fascinava na leitura era a explicação indígena para os mais diferentes fenômenos naturais e segredos do universo. E para que isso ocorresse, Godofredo

utilizou o recurso de se valer da fala hipotética de animais, com o intuito de demonstrar como a tolerância pode e deve coexistir com a diferença.

Convém aqui ressaltar que a primeira curiosidade que surgiu entre os alunos se deu por conta do termo *Nawa*, que eles investigaram por conta própria seu significado na internet, descobrindo que esse termo também era grafado em diversas fontes escritas como *Nauá*, *Nauá* ou *Nahua*. Eles também nessa pesquisa verificaram que o mesmo podia ser traduzido como “gente”, “povo” e “outro”. Em geral, *Nawa* é utilizado pelos povos da etnia denominada *Pano* para se referirem à alteridade.

E assim, por essa designação, os alunos puderam estabelecer um contato de significados entre o que era dito nos discursos de Ana e o significado do nome de seu povo “Nauá”. De fato, eles observaram que a alteridade estava sempre ligada aos dizeres de Ana, e que o discurso dela a apresentava como uma índia diferente dos outros indígenas, uma outra Ana que fora transformada e construída no confronto dos valores de seu povo, e o novo conhecimento e realidade oferecida a ela pelo sistema educacional em que se encontrava incluída.

Ao longo da leitura do livro, Godofredo descreve a passagem de Ana através de duas etapas: desculturação e aculturação; porém ambas não ocorrem de uma forma totalizante. A desculturação aconteceu por ela ter passado alguns anos distante de seu povo, de sua origem, no entanto, continua a apresentar traços e configurações de sua tribo Nauá, de sua origem. A aculturação se dá através dos novos conhecimentos e traços adquiridos, formando assim uma nova cultura que acaba de se mesclar com a já existente.

A esse respeito, o filósofo e escritor búlgaro Todorov, em sua obra “O Homem Desenraizado”, declarou:

É verdade que não poderemos jamais nos libertar de certos traços decididos pela genética. [...]. Condenar o indivíduo a continuar trancado na cultura dos ancestrais pressupõe de resto que a cultura é um código imutável, o que é empiricamente falso: talvez nem toda mudança seja boa, mas toda cultura viva muda (1999, p. 24-25).

Dessa forma, pode-se concluir que Ana não sofreu um processo de desculturação total, uma vez que sua luta pela sua tribo continuou mais forte que nunca somando-se aos novos traços adquiridos pela aculturação. Todorov chamou esse estado de transculturação como sendo “a aquisição de um novo código sem que o antigo tenha se perdido” (1999, p. 26).

O referido autor também definiu o conceito de hibridização:

[...] as identidades culturais não são apenas nacionais, existem outras, ligadas aos grupos pela idade, sexo, profissão, meio social; em nossos dias, então, todos já vivemos, ainda

que em níveis diferentes, este reencontro de culturas no interior de nós mesmos: somos todos híbridos. (1999, p. 26).

Assim sendo, verifica-se que o fenômeno de hibridização da personagem Ana atravessou algumas etapas de aquisição cultural que acabaram por conferir a ela uma mistura capaz de impulsioná-la a lutar por sua gente, pela identidade particular e grupal, ou seja, de seu povo.

Ana acaba por se revelar um ser que está vivo e em plena mudança, capaz de adquirir novos traços, modificar os antigos ou/e somar as duas culturas, transformando-se num ser híbrido, numa busca identitária em evolução.

Devido a esse processo de hibridização, algumas questões importantes foram levantadas pelos próprios alunos no decorrer da leitura e discussão da obra. E eles se perguntaram como ela chegou a esse estado, como foi possível então que ela fosse capaz de conseguir escrever uma lenda de sua tribo, criar um texto tão notável capaz de interessar a sua publicação às autoridades encarregadas de sua educação, além deles julgarem-na digna de receber uma bolsa de estudos. Alguns alunos chegaram a duvidar que uma índia brasileira de dezessete anos, educada por freiras salesianas, pudesse ser uma escritora completa na vida real.

E levantaram a hipótese de que Godofredo estaria descrevendo uma personagem inverossímil. Mas convém observar que essa dúvida dos alunos, quanto ao fato de Ana ser ou não autora da narrativa, foi apresentada no próprio texto pela personagem ao recordar a fala de sua professora:

[...] Ela voltou a me chamar no final da aula. Lembrei que, ao duvidar da minha honestidade em relação ao texto - 'é seu mesmo' -, ela duvidou da minha cultura, da minha vida, dos meus ancestrais, em suma, do meu mundo" (OLIVEIRA NETO, 2002, p. 147).

E Ana assim respondeu a essa dúvida de ser ela ou não a autora das narrativas que tanto encantaram e chamaram a atenção das autoridades:

A professora não conheceu as exigências da irmã Gicélia, as dissertações diárias, as fichas de leitura, as redações sobre temas da atualidade, os pequenos contos que eu devia escrever de um dia para o outro, os versos que devia compor nos fins de semana" (OLIVEIRA NETO, 2002, p. 147-148).

De fato, nessa declaração verifica-se que a professora a achava incapaz de produzir aquele texto por ela ser uma índia, denotando aquela visão racista em relação ao índio, considerado um ser inferior em relação ao estrangeiro. Trata-se de uma forma de subjugar o outro, de enquadrá-lo no estereótipo de índio incapaz de aprender novos conhecimentos e produzi-los.

Ainda em outro trecho, Ana descreve o impacto que causou a leitura de alguns trechos de sua história para a sua professora, Dona Elza. Naquela ocasião, Ana se encontrava na fronteira da sua cultura e os elogios recebidos na apresentação do seu texto causaram-lhe uma profunda impressão conforme pode-se averiguar a seguir:

Tinha prometido mostrar trechos da história para ela [a professora]. [...]. Eu leria alguns episódios dos capítulos [...]. Li várias partes. Ela ficou como que hipnotizada. Olhava extasiada, repetia algumas palavras em inglês. Sua reação me encabulou. [...]. As palavras em inglês e o seu ar embevecido foram embora comigo pela estrada. Das árvores vinham assobios e gorjeios de pássaros. Desta vez vou abrir mesmo o próximo capítulo com essa melodia. Fico feliz por um lado, preocupada por outro, com tudo o que está acontecendo comigo. Dá vontade de me transformar em rã e me esconder dentro de um lago (OLIVEIRA NETO, 2002, p. 159).

Verifica-se, portanto, que Ana encontrava-se encantada e ao mesmo tempo surpresa com os elogios ao seu texto. E ela considera as palavras ditas em inglês pela professora, como sendo uma possível metáfora da admiração que ela tinha em relação aos estrangeiros, ao parecer do outro (considerado superior), à confirmação do outro. Mas também, ela demonstra preocupação com toda essa nova realidade que ia se adentrando em sua vida por ser uma representante de seu povo contando uma lenda amazônica através de sua escrita. E começa a se conscientizar do profundo alcance de sua narrativa e das lições que se podiam ser extraídas a partir da mesma.

185

Esse fato se reflete de forma particular no trecho em que Ana relembra o episódio no qual o jacaré e a jiboia lutavam por carne fresca. E no capítulo 24, pode ser lida a seguinte proposta feita por um líder de um cardume de traíras-pixunas:

Devemos bater-nos pela integridade da floresta amazônica. Rios, riachos e igarapés são o nosso universo. E eles só existem dentro de uma floresta preservada. Nossa dignidade depende disso. O destino de toda região amazônica está ao nosso alcance. Infelizmente, temos que lutar. Mas devemos sempre nos bater para que a proposta de paz se sobreponha a todos os outros. É por aí que devemos começar e, espera-se, acabar. Vaidades, raivas, ódios e preconceitos devem ceder lugar ao entendimento, à justiça e à paz. A floresta amazônica deve ser uma floresta cada vez mais fraterna. Nós, as traíras, costumamos vir com julgamos já feitos. Fiamos-nos nas aparências e no que dizem por aí. É necessário fazer um julgamento próprio, expor as nossas ideias, discuti-las, amadurecê-las, prontos a modificá-las caso surja outra melhor. Ideia não tem dono. Ideia é o resultado do saber acumulado durante séculos, acumulado por todos' (OLIVEIRA NETO, 2002, p. 174).

Esse discurso reflete e se coaduna com a ideia de Ana de se construir um espaço em que se pudesse ter a convivência com o outro, com a diferença, mas sempre lutando por um ideal justo para todos os lados. Note-se que os bagres também evocavam a concórdia, a divisão, o entendimento entre “seres superiores” (OLIVEIRA NETO, 2002, p. 178) [o jacaré e a jiboia] e os outros peixes. O bagre lembrou-se de um aprendizado no tempo de escola:

O saber deve auxiliar na emancipação e melhoria da vida dos animais como um todo e não servir de instrumento para a dominação de uns sobre os outros. O conhecimento que a instituição escolar produz tem um raio de ação universal e exerce um papel social. O conhecimento é libertação. Você, como aluno, é o receptor e o emissor principal de tudo o que se ensina, pensa e produz aqui; logo, entenda a sua importância e responsabilidade. Mire-se no exemplo dos índios que vivem nas florestas (OLIVEIRA NETO, 2002, p. 179).

Dessa forma, podemos considerar que a reflexão do bagre seria uma autorreflexão de Ana sobre sua situação que estaria vivenciando. É uma justificativa para que ela continuasse a adquirir ainda mais conhecimento e lutar. E isso pode ser comprovado pela mudança nas atitudes do jacaré e da jiboia ao final da narrativa. Os dois conseguem ver um mundo diferente do que eles viviam, junto com os bagres e as traíras, ou seja, com os outros considerados inferiores.

[..] O jacaré, a jiboia, a traíra e o bagre puderam ver, além do casal de piavas, o boto que descia as águas calmamente, quase se deixando levar pela leve correnteza. [...]. Os quatro animais olharam-se, tentaram compreender-se. O boto voltava feliz, sim, por conseguir conhecer um outro universo. Um novo universo. Mas os quatro bichos do encontro na margem do rio Amazonas foram também agora, mais experientes, mais sorridentes, mais leves, mais felizes, viver melhor o mundo deles (OLIVEIRA NETO, 2002, p. 200 – 2001).

Essa atitude conciliadora só foi possível porque ocorreu, ao final, uma mudança visando o respeito à diferença, ao outro, através dos conhecimentos de todos. E para que isso ocorresse, Ana recuperou histórias de suas raízes ao escrever a lenda do jacaré e da jiboia, adaptada e acrescida de novos olhares, novas análises oriundas da cultura dominante. São questões que envolveram a linguagem, o discurso, instigando uma série de reflexões sobre a constituição histórica de sujeitos e suas representações identitárias ficcionais. É com isso ela consegue provar que é através do discurso (escrito, oral, visual) que operamos construções e desconstruções de identidades.

Sabemos que existem vários outros livros tematizando a floresta Amazônica, o índio e a sua cultura diferente. Mas com sua obra, Godofredo terminou por executar um belo retrato crítico de uma realidade ainda encarada como surpreendente e quase irreal para alguns, o que ficou patente nas dúvidas expostas à professora, autora desse artigo, pelos seus alunos do curso de Letras, da Estácio, durante o período de aulas para a análise e discussão da obra: índios buscando formas de encontro com o branco, com o suposto colonizador.

Ao final, sua personagem Ana acaba por realizar a travessia de ir ao encontro do Outro, reconhecê-lo, ouvi-lo e depois reler-se, reconhecer-se a fim de construir novos olhares e novas representações de si e do Outro. E isso fez toda a diferença, contribuindo para que o livro

merecesse receber o selo de “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em 2002.

Foi selecionado no mesmo ano para a Exposição Internacional da Feira do Livro Infantil de Bolonha (2002) e aparecer em destaque no The White Ravens Online Catalogue - A selection of International children’s and youth literature (Catálogo Online White Ravens - Uma seleção de literatura internacional para crianças e jovens) de Munique, na Alemanha. E agora, no presente ano de 2018, estar disponível numa tradução para o búlgaro, nas livrarias de Sófia, a capital da Bulgária.

Sem dúvida, um feito que engrandece e orgulha a literatura brasileira!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escritor Godofredo de Oliveira Neto escreveu um livro que, através da experiência que efetuei com minha turma em sala de aula, foi capaz de despertar nos alunos não apenas o gosto pela leitura devido à sua narrativa fluida, que desvela ainda o processo de criação da escrita e os mistérios da criação literária na ótica de uma adolescente da tribo indígena Nauá. Sua protagonista, Ana, está em plena floresta amazônica, mais especificamente Xapuri – Rio Branco. E este lugar é uma das regiões ameaçadas do mundo, juntamente com a região, a cultura, as lendas, as histórias, os costumes.

É através dessa narrativa que os alunos conseguiram tomar consciência da importância não apenas da preservação da maior floresta nativa do planeta, mas também da cultura e da língua dos povos indígenas que nela habitam. O sucesso do livro entre os jovens se deveu a dois fatores: o primeiro é o fato da narrativa ser fluida e fractal, pulverizando a realidade multicolorida da floresta amazônica em compartimentos que guardaram o sentido completo da trama.

O segundo fator, não menos importante, foi ressaltar para os alunos através das observações feitas ao longo do livro pela protagonista, que ela e seus amigos vivem divididos entre duas culturas: a indígena de suas origens e a ocidental, construída ao longo de sua escolaridade. Essa duplicidade constitui um grande atrativo na história para o público adolescente, pois essas duas culturas são limítrofes e sua protagonista e amigos parecem transitar muito bem entre ambas. Isso desenvolve uma curiosa sociabilidade entre jovens índios de diferentes nações, os missionários e indigenistas, brasileiros e estrangeiros, o que faz de Ana

uma figura múltipla, que capaz de seduzir os leitores, que acabam por isso se tornarem solidários, com as escolhas que ela tem de fazer.

Durante o desenrolar da narrativa, os alunos também observaram um debate envolvente sobre identidades em pleno movimento, em plena ação de construção, acabando com a ideia de que os indivíduos possuem uma identidade fechada, acabada e pronta. Acabam se apercebendo que todos somos indivíduos que sempre estamos aprendendo algo, sempre estamos lutando por algo, estamos sempre sendo vigiados, estamos sempre com algum saber e algum poder. E assim fechar-se aos outros não é uma boa estratégia.

Assim sendo, a obra “Ana e a margem do rio” – confissões de uma jovem Nauá do escritor Godofredo de Oliveira Neto, apresentando a construção identitária de uma personagem, uma índia Nauá educada em colégio salesiano em plena floresta amazônica, acaba por demonstrar aos jovens a quão ingênua (mas perversa) é a civilização de substrato europeu, e com isso compreender bem a trajetória existencial de Ana e suas consequências.

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA NETO, Godofredo. **Ana e a margem do rio** – Confissões de uma jovem nauá. Rio de Janeiro: Record, 2002.

188

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Tradução de Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999.